

A saúde nos ecrãs informativos da televisão portuguesa: linhas de um projeto em desenvolvimento

Health in the Portuguese informational television screens: lines of a development project

LUCIANA FERNANDES¹ & FELISBELA LOPES²

Resumo

Tomando como certa a centralidade da televisão em ambiente informativo e a saúde como um tópico que suscita sempre interesse do público, entendemos como prioritário o estudo da mediatização deste campo através do pequeno ecrã. É esse o objetivo da investigação que apresentamos neste projeto de doutoramento intitulado "A Saúde nos Ecrãs Informativos da Televisão Portuguesa". Partimos da recolha e subsequente caracterização desta informação a vários níveis, servindo isso de base para a estruturação de entrevistas aos jornalistas que assinam estas peças televisivas e às fontes mais citadas. É deste modo que queremos compreender os processos produtivos da informação de saúde em Portugal. Por fim, é nosso intuito fazer uma comparação com os dados já publicados no âmbito dos estudos portugueses sobre os media e a saúde.

Conjugadas todas as etapas, pretendemos apresentar um novo paradigma para o jornalismo televisivo desenvolvido no campo da saúde.

Palavras-chave: jornalismo de saúde; noticiários televisivos; saúde; doença; fontes de informação

Abstract

Taking for granted the importance of television in an information environment and health as a topic that always promotes the public's interest, we take the study of health coverage on the small screen as priority. That is the aim of the research presented in this doctoral project entitled "Health on Portuguese Informational TV Screens". We start with the gathering and subsequent categorization of this information at several levels, serving as base for semi-structured interviews to journalists who create this information, and the most quoted sources. This is the way we feel most appropriate to understand the production processes of health information in Portugal. Finally, it is our purpose to make a comparison with the data already published under the Portuguese studies about the media and health.

All steps combined, we intend to present a new paradigm developed on TV journalism about the health field.

Keywords: health journalism; television news; health; disease; news sources

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho / lucianagmf@gmail.com

² Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho / felisbela@ics.uminho.pt

1. INTRODUÇÃO

Nas próximas páginas daremos conta do projeto de Doutoramento intitulado “A Saúde nos ecrãs informativos da televisão portuguesa”, uma investigação onde pretendemos avaliar a informação jornalística sobre saúde, procurando perceber os modos de produção noticiosa e o posicionamento que aí têm as fontes de informação. Queremos, com este estudo, compreender se o interesse público está no centro das suas preocupações ou se, neste processo, interferem outras variáveis. Esta proposta pretende retificar um vazio que caracteriza atualmente a investigação na área das Ciências da Comunicação em Portugal, tendo também em conta a influência da televisão junto da população e a respetiva responsabilidade social.

Este trabalho está integrado no projeto de investigação “A Doença em Notícia” – PTDC/CCI-COM/103886/2008¹, a decorrer desde 2010 no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Adaptamos as suas linhas de investigação dedicadas à imprensa, transpondo-as ao meio televisivo, elaborando-se, assim, um retrato mais completo do jornalismo de saúde em Portugal.

É, precisamente, a partir da integração nesse mesmo projeto que percebemos a noção de que os *media* formam opiniões, influenciam atitudes e promovem o esclarecimento das populações, sobretudo num tema de evidente importância como o da saúde. Nesse sentido, uma investigação desta índole requer uma primeira reflexão sobre a pertinência e os contributos que este estudo pode trazer às camadas sociais. Para tal, é importante fazer um recuo no tempo que desenhe o panorama dos estudos televisivos e do jornalismo em saúde. Não menos importante é o papel que as fontes de informação têm nos conteúdos mediáticos e que anexaremos a esta exposição. Não descuramos, portanto, uma reflexão sobre esse mesmo papel, procurando dar uma perspetiva das especificidades que o campo da saúde lhes confere na sua relação com os jornalistas.

Após estas perspetivas, daremos conta das opções metodológicas que conduzirão a nossa investigação, esclarecendo em que sentido estas ajudam no cumprimento dos objetivos traçados. Por ora, antecedemos esta reflexão com a definição da pergunta de partida, bem como dos objetivos que norteiam a nossa pesquisa.

1.1 PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O arranque de uma investigação nem sempre é simples, sobretudo no que toca à delimitação do objeto de estudo. No entanto, podemos contar com ferramentas de investigação que nos aclarem este percurso no seu início. Nesse sentido, a questão de partida apresenta-se como uma escolha adequada por ser “um primeiro fio condutor” que traduz o que investigador pretende saber com a sua pesquisa (Quivy

¹ Projeto de Investigação cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) e do Programa Operacional Fatores de Competitividade (COMPETE) - FCOMP-01-0124-FEDER-009064), e por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia..

& Campenhoudt, 2003: 31-32). Seguindo a sugestão destes autores, formulámos o propósito da nossa investigação através da seguinte questão: *Quais os traços distintivos do jornalismo televisivo de saúde desenvolvido nos canais portugueses?*

Resumimos, portanto, o objetivo central deste projeto doutoral na avaliação da informação de saúde divulgada nos principais espaços informativos televisivos: queremos analisar os canais generalistas portugueses (RTP1, SIC, TVI) e os canais de visionamento pago totalmente dedicados à informação (RTP Informação, SIC Notícias, TVI24), fazendo um estudo desses conteúdos a vários níveis. Numa segunda fase proceder-se-á ao estudo das estratégias de produção noticiosa, tanto do lado das fontes como da parte dos jornalistas. Queremos contribuir, dessa forma, para aprofundar o conhecimento do campo do jornalismo de saúde em Portugal e ajudar a dotá-lo de mais qualidade: fornecer às fontes de informação dados que lhes permitam dialogar melhor com os jornalistas e vice-versa, cooperando para um melhor conhecimento do cidadão sobre a saúde.

A ausência de referências ao processo informativo na temática da saúde e a importância da televisão como um dos principais meios de difusão informativa e influência na opinião pública levam-nos a privilegiar o estudo dos conteúdos emitidos nos principais espaços informativos da televisão portuguesa como objecto do estudo que queremos desenvolver, atendendo aí não só ao que é emitido, mas àquilo que está subjacente ao processo informativo. Este é um campo de conhecimento que se reflete diretamente na vida dos cidadãos e, por isso, de incalculável relevância social. Importa, por isso, saber como se constrói esta informação, nomeadamente quais as vozes que os jornalistas procuram para delinear cada tema.

No entanto, não descuramos a evolução e particularidades do meio que estudamos, bem como o panorama dos estudos publicados sobre o jornalismo de saúde. Procuramos, com isso, perceber a relevância e contributos desta investigação para o estudo deste campo.

2. PERSPETIVAS TEÓRICAS

2.1 “SOBRE A TELEVISÃO”

Tomamos de empréstimo o título que Pierre Bourdieu deu à obra publicada em 1996 (edição original) para esta que deve ser uma breve incursão acerca do *medium* que, a seu ver, “torna possível atingir toda a gente” (Bourdieu, 1997: 5). É, justamente, nesse aspeto que reconhecemos a importância de estudar a televisão, tendo em conta a relevância que esta foi ganhando ao longo dos tempos no quotidiano social.

A evolução da estrutura televisiva foi abordada por diversos autores tendo em conta os contextos sociais, culturais e políticos que condicionaram o seu formato. A referência a Umberto Eco (1993) é incontornável quando pretendemos fazer uma reflexão diacrónica: serão aqui imprescindíveis os conceitos de *paleotelevisão* e de *neotelevisão*. O primeiro engloba o período de monopólio das estações públicas

européias, vivido numa conjuntura política de ditadura em que a televisão era utilizada como veículo de mensagens do poder político de cada país (há uma clara distinção entre o velho continente e a realidade norte-americana onde, em simultâneo, se assistia ao surgimento da televisão privada) (Lopes *et al.*, 2011). Nesta altura, na Europa, o poder político ditava os conteúdos emitidos, ignorando as preferências do público e mostrando a visão do mundo que consideravam adequada (*idem*). É neste sentido que Eco (1985, citado por Lopes, 2011: 21) refere que a televisão comportava um conjunto de programas com uma “clara delimitação de conteúdos (informação, ficção, emissões culturais) e uma divisão específica de públicos (programas para as crianças, para os aficionados do desporto automóvel, para os amantes da natureza...)”. A *paleotelevisão* era assim “submetida a censura e concebida para um público ideal, brando e católico” (Eco, 1993: 149).

Quando surge a televisão privada, nos anos 80 ou 90 (conforme os países), assistimos à transposição para o período da *neotelevisão* evidenciado por Eco (1993) e em que o propósito principal é atingir um público que tem a seu dispor múltiplos canais. Portanto, o centro da sua preocupação transfere-se para o telespectador. Encontramos vestígios dessa *neotelevisão* com o surgimento das estações privadas portuguesas, onde programas de índole mais pessoal e voltados para o cidadão comum começaram a ser emitidos.²

Muitos teóricos, como Scolari (2008), defendem que hoje há aquilo a que chamamos *hipertelevisão*. Esta concentra-se na interatividade e no individualismo do espectador que não se conforma com um papel passivo na comunicação (Lopes *et al.*, 2011). Há ainda uma desconstrução e uma fragmentação dos ecrãs, onde cada espectador pode visionar o programa que deseja (Scolari, 2008). Este parece-nos ser um conceito da televisão alicerçada no digital e no espectro do cabo, mas cuja interatividade Scolari (Scolari, 2008) vê garantida já pelo ciberespaço mas não ainda pelo pequeno ecrã.

A TV enfrenta, portanto, novos desafios a nível estrutural, necessitando de se adaptar a novos formatos e a novos públicos.³ Estas são algumas das peculiaridades do meio televisivo que o destacam dos restantes *media* também quando o tema informativo é a saúde.

2.2 SOBRE O JORNALISMO DE SAÚDE

Podemos entender, assim como o fizeram diversos autores, que os *media*, nomeadamente a televisão, os jornais, e a rádio, se têm assumido como “os canais mais básicos de informação sobre saúde” (Tanvatanakul *et al.*, 2007: 177). Prova disso é o aumento do interesse dos *media* populares por assuntos de saúde e doença no início da década de 80 (Kline, 2006), atingindo o seu *boom* em 1990 no que toca à

² Programas como o “Perdoa-me”, “All you need is love” ou “Ponto de encontro”, para citar exemplos da SIC, correspondem a estas características.

³ Veja-se o exemplo da CNN que, aquando da primeira eleição de Barack Obama, estabeleceu um direto com a correspondente em Chicago, projetada em holograma no estúdio da estação.

informação televisiva norte-americana (Schwitzer, 1992). Esta atenção perdura até aos dias de hoje, de acordo com o estudo da Kaiser Family Foundation em colaboração com o Pew Research Center's Project for Excellence in Journalism (2008).

Com efeito, o campo da saúde tem vindo a conquistar espaço também na imprensa portuguesa ao longo dos últimos anos (Lopes & Fernandes, 2012). No entanto, a perceção de como se constrói a informação nesta área está a dar os primeiros passos em Portugal. Já o continente americano, pelo contrário, é abundante em estudos sobre a Comunicação em Saúde em termos gerais, e sobre o Jornalismo televisivo de saúde em particular.

Além das perceções dos espectadores focadas por vários autores, importa igualmente perceber o lado dos jornalistas e da produção informativa sobre saúde nas estações televisivas. De um modo geral, os conteúdos que surgem nos noticiários televisivos dependem, entre muitas outras coisas, das condicionantes profissionais dos jornalistas: os *deadlines* e o tamanho do espaço disponível para emissão (Shook, Lattimore & Redmond, 1996, citados por Tanner, 2004). Na informação das estações locais norte-americanas, a falta de recursos também tem os seus efeitos, ditando uma cobertura fácil ao invés de uma cobertura relevante (Kaniss, 1993, citado por Tanner, 2004). Já no que diz respeito à informação especializada, nos resultados apurados por Tanner (2004), os jornalistas de televisões locais norte-americanas dizem que as suas motivações para cobrir determinado assunto ligado à saúde passam pelo interesse do público e pela capacidade de “humanizar” determinada ‘estória’. Mas não menos importante lhes parece, com efeito, a disponibilidade de recursos (de tempo ou dos próprios repórteres) ou a possibilidade de filmar em vídeo determinado tópico de saúde. Estas são as dificuldades que existem por este ser um meio que precisa de recolher imagens para transmitir informação, o que nem sempre é possível.

Outro dado importante, de acordo com o inquérito da autora (Tanner, 2004), aponta para o facto de os jornalistas receberem informação, muitas vezes, da parte de porta-vozes ou relações públicas. Esta atitude oposta a um jornalismo proativo, encontra nas notas de imprensa a segunda fonte noticiosa de quem recebem mais informação, frequentemente aproveitada. Outra perspetiva diz-nos que os jornalistas de saúde devem igualmente olhar para os conflitos de interesses relativamente às suas fontes, enfrentando “desafios singulares na cobertura das notícias de saúde” (Schwitzer *et al.*, 2005: 576). Pede-se, por isso, algum conhecimento especializado da parte do jornalista para que identifique, por exemplo, estudos com conteúdos empobrecidos (deixando de os publicar ou evidenciando as suas falhas) ou use termos vagos como “milagre”, “cura” ou “avanço científico”.

No estudo de Schwitzer para a Kaiser Family Foundation (2009), os profissionais denunciam uma cobertura que parece mobilizar cada vez menos jornalistas, não se produzindo menor volume de conteúdo. Ou seja, as pressões económicas assaltam as redações diariamente tentando manter a mesma quantidade de conteúdos com uma redação cada vez menor.

Além desta incidência nas questões profissionais dos jornalistas, o mesmo autor volta-se também para a análise dos próprios conteúdos informativos na televisão. Schwitzer (2004) destaca dez problemas no que é emitido em algumas estações televisivas locais de Minneapolis – St Paul (Minnesota)⁴, dos quais destacamos a brevidade das peças noticiosas que impedem a captação do seu significado, a autoria por jornalistas que não o são a tempo inteiro, a falta de informação de *background* do próprio profissional, interesses comerciais identificados nos conteúdos, onde surge apenas uma fonte por reportagem/notícia, e ainda o predomínio de uma cobertura de eventos em agenda o que significa uma reduzida iniciativa das referidas estações. Também Wang e Gantz (2007) dedicam o seu estudo aos conteúdos informativos de algumas estações locais nos Estados Unidos. À semelhança de Schwitzer (2004), assinalam a curta duração das peças noticiosas que fizeram parte do seu *corpus* de análise. Outras constatações dos autores passam pela divulgação de matérias de difícil compreensão⁵ e pela verificação de que uma em cada dez peças noticiosas se debruçavam na temática da saúde, com destaque para o seu tom neutro, a dedicação à temática da *illness/diseases* (sendo o cancro a mais mediatizada) e *healthy living*. Em 2010 atualizaram estes dados e limaram algumas limitações do estudo anterior, nomeadamente para verificar a influência dos mercados nos conteúdos informativos sobre saúde emitidos pelas estações de televisão locais.

Se na América a pesquisa sobre os *media* e a saúde, nomeadamente a informação emitida na televisão, tem vindo a aumentar, no continente europeu a investigação encontra menor número de publicações, com maior incidência na saúde sob uma perspetiva científica. Bienvenido León (2008) traça um panorama da investigação em torno da informação sobre ciência, constatando que, *não obstante o interesse manifestado pelo público em obter informação sobre ciência nos media*, essa temática ainda é marginalizada nas emissões informativas. Com um enfoque no *prime-time* Europeu, o autor divide a ciência em três grandes subtemas: saúde, ambiente e ciência e tecnologia, dos quais o primeiro reúne maior percentagem de peças emitidas. Quanto ao tempo de emissão, a representação da ciência ocorre em quase dez por cento do tempo total dos noticiários. Além da quantidade, o autor busca um apuramento da qualidade desta informação. Há, por isso, uma atenção especial aos valores-notícia explícitos nestas emissões, reconhecendo-se a significância como o mais valorizado, seguido da invulgaridade e interesse visual.

Na mesma linha, Holliman (2004) incide na ciência, mas numa comparação entre a informação emitida na televisão e publicada nos jornais para evidenciar o retrato da clonagem no Reino Unido. A sua pesquisa deu conta de um peso de cobertura na imprensa significativamente superior à dos boletins televisivos (dos 300 itens recolhidos em dois anos, 284 eram artigos impressos).

⁴ Apesar de ser um estudo focado numa área geográfica específica dos Estados Unidos, o autor afixa a sua representatividade destas práticas jornalísticas em toda a nação.

⁵ Os autores reconhecem que a informação difundida apresenta uma dificuldade de compreensão e que, por isso, requer uma formação escolar de nível secundário (10º ano).

Estes são alguns de uma lista certamente mais vasta de autores que têm vindo a estudar as matérias ligadas à saúde e à ciência nos *media* a nível internacional. O desenho do retrato português implica um recuo a 1992 quando, no âmbito das abordagens das Ciências da Comunicação e no que respeita à temática da saúde, Pinto-Coelho e Gonçalves (1992) estudaram “a toxicodependência no discurso jornalístico” em algumas publicações portuguesas, numa abordagem genérica que foca, não só o aspecto da dependência voltado para a saúde, como a questão criminal.

A sida também tem sido debatida por vários autores (citados por Marinho *et al.*, 2012), dos quais destacamos o trabalho de Nelson Traquina (2001).

Após algumas comunicações que cruzam o estudo da televisão com a saúde, Felisbela Lopes e uma equipa de investigação desenvolveram o projeto “A Doença em Notícia”, cujos *outputs* principais (Lopes *et al.*, 2012) falam na ausência de um efeito de *agenda-setting* no campo da saúde, quando a referência é a imprensa portuguesa, na escassez de fontes contactadas, na falta de uma identificação completa ou no contacto privilegiado que os jornalistas fazem com fontes oficiais ou institucionais e especializadas.

Já no final de 2012 a Entidade Reguladora para a Comunicação Social e o Instituto Gulbenkian de Ciência trouxeram ao público uma investigação intitulada “Ciência no Ecrã – A divulgação televisiva da atividade científica”, que estabeleceu a relação entre a produção da ciência e a informação emitida nos noticiários de horário nobre dos canais generalistas portugueses. Na recolha de dados durante ano e meio, salientamos dois aspetos: as “ciências médicas e da saúde” revelaram-se o tema mais noticiado no âmbito da temática central e os especialistas, técnicos e cientistas são as principais vozes identificadas nestas peças de informação sobre ciência.

É precisamente a questão das fontes de informação que merece grande enfoque das investigações publicadas, algumas das quais já referidas. Aliás, uma das principais problemáticas referentes ao jornalismo de saúde liga-se diretamente às fontes de informação usadas pelos jornalistas. Alguns autores debatem pontos em comum, sendo incontornável a necessidade de múltiplas vozes para construir a informação.

3. FONTES DE INFORMAÇÃO: DA RELAÇÃO COM OS JORNALISTAS ÀS ESPECIFICIDADES DA SAÚDE

Nestas primeiras linhas avançamos que esta relação não é linear nem fácil, mas determina o conteúdo mediático. Torna-se, então, importante perceber quem são as fontes que mais povoam a esfera informativa, pois, mediante a escolha desta ou daquela fonte, teremos pistas para o tipo de informação que o leitor, espectador ou ouvinte terá diante de si.

A literatura oferece-nos uma variada tipificação de fontes: dependentes ou não do poder governamental, com cargos de autoridade ou falando a título individual, influentes ou não, públicas ou privadas. No ponto seguinte entrelaçaremos várias perspetivas (a nível nacional e internacional) para trazer à lume algumas das principais preocupações intrínsecas à cobertura da saúde e fontes usadas para o efeito.

3.1 ALGUMAS ESPECIFICIDADES JORNALÍSTICAS DO CAMPO DA SAÚDE E AS FONTES DE INFORMAÇÃO

O enquadramento das fontes de informação na área da saúde mostra-nos um campo do conhecimento peculiarmente complexo. Reconhece-se, por isso, uma permeabilidade do jornalismo à informação cedida pelas vozes informativas aos jornalistas, suficiente para fazer valer as suas mensagens e dominar estes profissionais – influência reconhecida pelos próprios (Tanner, 2004).

Além disso, a influência das fontes oficiais na área da saúde é constatada por vários autores. Tanner e Friedman (2011: 18) defendem que este tipo de fonte aparece como informante primário e em grande parte das citações das notícias online das televisões locais norte-americanas. Mais ainda, as fontes especializadas têm também um “papel essencial no desenvolvimento e formatação das notícias”.

Tudo isto ganha uma maior importância quando olhamos a realidade norte-americana, onde não é raro os médicos (“*physician-broadcasters*”) deambularem pelas redações das televisões locais, além dos jornalistas que se dedicam exclusivamente à saúde (Schwitzer, 1992: 1).

Larsson *et al.* (2003) resumem os constrangimentos dos jornalistas de saúde, encontrados através de um estudo onde, questionados os próprios profissionais, foi possível mencionar, entre outros, a falta de tempo e espaço, a terminologia científica e problemas ligados com o acesso e uso das fontes. Por seu turno, os profissionais que informam sobre saúde na TV confundiram a Tanner (2004) que a falta de tempo se mostra como condicionante na cobertura noticiosa sobre a saúde, bem como os constrangimentos técnicos das televisões, mencionados previamente. Com um enfoque direcionado para a cobertura da gripe das aves e após entrevistas a jornalistas que fizeram essa cobertura, Leask *et al.* (2010: 5) chegaram à conclusão que “os constrangimentos temporais e o acesso aos recursos e a especialidade técnica permanecem como os maiores problemas para os jornalistas na produção de ‘estórias’ sobre saúde e medicina de grande qualidade”. De alguns destes constrangimentos resulta o que McAllister (1992), apoiado num vasto grupo de autores, chamou de “medicalização” da sociedade na qual os *media* têm quota parte de responsabilidade ao dependerem das fontes especializadas da saúde e repetirem o seu discurso, muito devido à “natureza técnica e profissional da medicina” (McAllister, 1992: 206).

O grau de especialização das fontes atinge o campo da saúde e do jornalismo que versa particularmente sobre esta temática, de acordo com vários autores citados por McAllister (1992) ou como referenciou Kruvand (2012) ao perceber o motivo de o Dr. Arthur Caplan ser considerado o bioético mais citado na imprensa. Porquê? Porque se adaptou às necessidades dos jornalistas: linguísticas, profissionais (em termos de rotinas e pressões temporais), entre outras condicionantes. Com efeito, os jornalistas afirmam que existe a necessidade de contactar uma fonte especializada por via da especificidade das temáticas de saúde (Tanner, 2004).

Como podemos ver, o jornalismo de saúde, em particular, no vasto campo da Comunicação em Saúde, reúne já algumas tendências e teorias próprias com base nas quais procuraremos refletir futuramente, tendo em conta o estudo empírico proposto neste projeto de Doutoramento.

As peças noticiosas sobre saúde fazem-se com recurso a fontes noticiosas, como constata vários estudos existentes em Portugal (Lopes & Fernandes, 2012; Silva, 2011). Silva (2011: 117), na sua análise ao retrato da saúde em três periódicos portugueses, divide as fontes em “Poderes de Estado e instituições públicas”, “Utentes, sociedade civil e instituições privadas”, “Interesses financeiros e comerciais”, “Unidades privadas de prestação directa de cuidados de saúde”, “Unidades sociais de prestação de cuidados de saúde” e “Profissionais de prestação de cuidados de saúde”. No entanto, esta organização peca por não fazer a distinção conforme o fizeram Lopes *et al.* (2010), entre fontes do campo da Saúde e fontes de fora desse mesmo campo.

Abraçando as várias visões aqui referidas, reconhecemos a importância de definir uma categorização das fontes para uma caracterização das vozes que divulgam a saúde nos meios televisivos portugueses. Este é um dos frutos das opções metodológicas que expomos a seguir.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O processo de recolha de dados, como refere Chizzotti (1991), não é linear, havendo retornos e avanços entre as várias etapas. É assim que entendemos também o percurso de toda a investigação, sobretudo nesta fase inicial. As primeiras leituras, aliadas aos objetivos traçados na respetiva secção, permitem-nos chegar à ponderação de algumas opções metodológicas que nos guiarão pelo percurso futuro desta investigação. Dizemos ponderação, já que seria presunçoso da nossa parte pressupor que não haverá lugar a um aperfeiçoamento destas escolhas à medida que a investigação progride.

O que registamos até aqui não é mais do que uma rampa de lançamento para um trabalho que pretende ser exaustivo, completo, elucidativo e inovador em três eixos essenciais:

- O estudo do *medium* que escolhemos: a televisão;
- O estudo do campo do conhecimento: o do jornalismo em saúde;
- O estudo de dois pilares da informação: os jornalistas e as fontes noticiosas.

Nas páginas seguintes esboçamos e fundamentamos as escolhas que nos parecem mais adequadas. Assim, não descuramos as vantagens de combinar vários métodos que se complementem para que, no final deste percurso, estejamos em condições de responder à questão de partida apontada inicialmente.

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

Apontadas como parte da fase exploratória, as leituras constituem uma forma de “situar claramente o [nosso] trabalho em relação a quadros conceptuais reconhecidos” (Quivy & Campenhoudt, 2003: 50). Neste caso, o nosso conceito chave é o de saúde. Tendo por referência a definição da Organização Mundial de Saúde (1946: 2), que restringe a saúde a “um estado de perfeito bem-estar físico, mental e social,

e não só a ausência de doença ou enfermidade”, queremos completar e delimitar este conceito para, de igual modo, circunscrever o *corpus* a recolher. A saúde está ligada a diversos assuntos do quotidiano, direta ou indiretamente, o que requer uma recolha atenta da informação televisiva que queremos reunir para análise. Também o jornalismo e a informação televisiva são conceitos que merecerão atenção na pesquisa bibliográfica subsequente, com vista à sua definição e interligação à luz dos objetivos que pretendemos atingir.

4.2 CORPUS DE ANÁLISE: RECOLHA E APRECIÇÃO

É através da recolha e análise das emissões televisivas que queremos saber como se caracteriza a informação sobre saúde em Portugal sob vários aspetos. Para tal, a aplicação de métodos quantitativos na análise de conteúdo não é uma novidade. Os estudos quantitativos dos jornais surgiram, como apontou Bardin (2007: 13), nos primeiros quarenta anos do século XX nos Estados Unidos: “desencadeia-se um fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanhos dos títulos, localização da página)”. A análise de conteúdo define-se, portanto, como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, ou um instrumento “marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 2007: 27).

É nosso propósito fazer uma abordagem da informação sobre saúde emitida naqueles que consideramos os principais blocos informativos da televisão portuguesa, em sinal aberto (RTP; SIC; TVI) e por cabo (RTP informação; SIC Notícias; TVI24).

Num primeiro nível de análise queremos registar alguns dados que nos permitam caracterizar a informação televisiva que incide na saúde. Esta avaliação será feita mediante uma adaptação da grelha de análise utilizada no projeto “A Doença em Notícia”, que nos permita a comparação entre a imprensa e a televisão enquanto palco de informação incidente na temática da saúde. A categorização, apontada por Violette Morin (citada por Bardin, 2007), permite seguir a linha quantitativa de conteúdo. Neste primeiro nível de análise queremos categorizar vários pontos que nos permitam evidenciar alguns aspetos como os valores-notícia e género noticioso utilizado, distinguindo-os por canal e data. Os dados apurados nesta primeira linha de resultados serão correlacionados com os resultados do nível que a seguir expomos e que diz respeito às fontes de informação.

Numa segunda instância queremos verificar a utilização de fontes de informação quando a saúde é noticiada na televisão, processo que encontra a sua base fundamental nas definições de Lopes *et al.* (2010). No entanto, pela especificidade do meio escolhido para a análise, a televisão, haverá lugar a algumas redefinições. Como definimos previamente, as fontes são uma importante peça na construção noticiosa, pelo que a negligência desta observação está fora das nossas escolhas. São elas que definem, muitas vezes, a informação que passa para o público.

4.2.1 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Estamos conscientes que os resultados de análise de conteúdo, só por si, não nos respondem às questões indicadas previamente e que devem orientar esta investigação. Resta saber o “porquê” dos dados depois de sabermos “o quê”. Ou seja, ao identificar as peças de informação teremos acesso ao nome do profissional que as assina. Esse grupo de jornalistas terá condições de nos indicar a informação que não conseguimos deduzir e que, em paralelo com esta, aponte para o colmatar das lacunas de um processo de análise de conteúdo de índole quantitativa. Se sabemos, por hipótese, que há mais ou menos referência a esta ou aquela fonte, a determinado tema, etc., queremos saber o porquê junto dos jornalistas. Ao mesmo tempo, queremos aferir junto das fontes mais citadas quais as estratégias que estão por detrás dessa visibilidade.

Para levar a bom porto este objetivo torna-se necessário recorrer a entrevistas dirigidas a ambos os grupos de possíveis entrevistados. Nos últimos anos, vários autores têm evidenciado as vantagens e desvantagens deste método. No último caso, Ruquoy (1997: 85), menciona que os seus limites estão associados à subjetividade de cada indivíduo interpelado, a distintas situações de recolha e a um dispositivo de interrogação que não é “rigorosamente idêntico”. Mas rematam concluindo que “nem o qualitativo nem o quantitativo garantem uma objetividade total”. “No âmbito da investigação qualitativa, a entrevista possui laços evidentes com outras formas de recolha de dados”, dizem-nos Lessard-Hébert *et al.* (1994: 160), precisamente o que esperamos desta recolha de dados. Garantem-nos ainda Quivy e Campenhoudt (2003: 195) que “em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo”, como é o nosso propósito.

De modo particular, queremos conduzir entrevistas semiestruturadas, ou seja, que permitam a colocação de questões pré-estabelecidas mas sem uma ordem rígida (Lessard-Hébert *et al.*, 1994), reencaminhando-se o entrevistado para os objetivos da investigação sempre que se afaste deles (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Não restam dúvidas de que a utilização de informação verbal tem vindo a dominar as ciências sociais. Fazer perguntas é normalmente uma forma rentável (frequentemente a única) de obter informação sobre comportamentos e experiências passadas, motivações, crenças valores e atitudes, enfim, sobre um conjunto de variáveis do foro subjetivo não directamente mensuráveis (Foddy, 1996: 1).

Rematamos esta secção com as palavras de Foddy para evidenciar a importância desta recolha quando falamos na apreensão de motivos, vivências e opiniões dos dois grupos de entrevistados, em contexto socioprofissional (dificuldades, limitações, especificidades da profissão, do meio de comunicação estudado), que expliquem os resultados apurados em primeira instância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por este tema da nossa dissertação não é fortuita, mas fruto de percurso que começou pela descoberta de uma apetência pela investigação. A integração como bolsista em vários projetos de investigação assim o ditou. Primeiro, investigando a informação televisiva na sua aparência e sustentada nas novas tecnologias, com o projeto “A Cenografia da Informação Televisiva: da Sobriedade à Espectacularidade das Redacções” (PTDC/CCI/71951/2006), decorrido no Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação (CETAC.media), na Universidade do Porto. Mais recentemente, com o projeto “A Doença em Notícia” (PTDC/CCI-COM/103886/2008), que foi desenvolvido no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, com o qual o interesse pela estudo da informação sobre saúde na imprensa conduziu, em especial, a esta etapa doutoral que agora percorremos. Deste modo, a conjugação de dois focos de interesse levamos ao enfoque no estudo da informação sobre saúde na televisão portuguesa.

Há ainda outros fatores que nos impelem para esta investigação. O percurso do projeto “A Doença em Notícia” não deve ficar órfão quanto ao meio que estuda. Queremos por isso contribuir, antes de mais, para um retrato mais completo do jornalismo de saúde, aliando à imprensa o estudo da televisão. Outro motivo que nos move é o facto tantas vezes constatado nos estudos que citámos: a televisão é o meio de comunicação de eleição do público quando se fala em saúde (estudos citados por Schwitzer, 2009; Schwitzer *et al.*, 2005; Tanner, 2004). Se esta é uma realidade que nos chega dos Estados Unidos, em Portugal não parece haver distinção quanto à sua importância:

Num país onde a leitura de jornais, mesmo generalistas, é baixa, onde faltam rubricas e media especializados em temáticas científicas, a importância do meio televisivo é incontornável. (Estudo “A Ciência no Ecrã”, Entidade Reguladora para a Comunicação Social e Instituto Gulbenkian de Ciência, 2012: 10).

Aliados a estes fatores, reconhecemos a importância social da temática da saúde na esfera pública. Se os cidadãos buscam na televisão a informação sobre saúde, deve haver um esforço conjunto na divulgação de conteúdos informativos esclarecedores e que contribuam para um melhor entendimento de um tema de perceção complexa, conforme dão conta os vários estudos já citados. Em entrevistas concedidas por vários jornalistas da imprensa portuguesa ao projeto “A Doença em Notícia” é notória essa preocupação em “traduzir” a informação, seja de índole médica ou referente às políticas de saúde.

Face a esta realidade, pareceu-nos importante explorar os estudos publicados e assinados por alguns dos mais importantes autores e que expusemos em dois pontos importantes: os entendimentos consagrados à televisão em sentido lato; e as reflexões acerca do jornalismo de saúde, sem esquecer o papel das fontes e suas especificidades quando falam sobre o tema. Esta primeira abordagem conduz-nos a outras pesquisas que serão, a seu tempo, tratadas. Também aqui encontramos pistas metodológicas que nos permitam chegar aos objetivos propostos no início deste projeto.

Nesse sentido, optámos pela conjugação de métodos quantitativos, no que toca á análise das peças noticiosas, com métodos qualitativos, através da realização de entrevistas, procurando aí as pistas para a caracterização da informação televisiva sobre saúde. Queremos intercalar esta recolha e análise de conteúdos com a realização de entrevistas junto de dois grupos fundamentais ao processo produtivo: jornalistas e fontes de informação.

No final deste percurso académico, é nosso propósito criar um novo paradigma para o jornalismo de saúde, em específico na televisão, através da apreciação dos conteúdos emitidos, numa triangulação com a recolha de dados por entrevistas junto destes dois importantes intervenientes na produção de conteúdos: as fontes e os jornalistas.

Em retrospectiva, parecem-nos adequadas as palavras de Chizzotti (1991: 89) quando diz que “a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa”. Não queremos com isto assumir que há problemas na informação televisiva de saúde, mas sabemos que há sempre lugar a melhorias. Por fim, o desejo de contribuir para uma alargamento dos estudos neste campo da saúde, enriquecendo as perspetivas a nível nacional, está na essência deste trabalho.

FINANCIAMENTO

Este artigo insere-se no projeto de Doutoramento intitulado “A saúde nos ecrãs informativos da televisão portuguesa” (SFRH/BD/89566/2012), executado com bolsa de investigação no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) - Programa Operacional Potencial Humano (POPH) - Tipologia 4.1 - Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu (FSE) e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).



REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2007) *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (1997) *Sobre a Televisão*, Oeiras: Celta Editora.
- Chizzotti, A. (1991) *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*, São Paulo: Cortez Editora.

- Pinto-Coelho, Z. & Gonçalves, M. H. (1992) 'Imprensa e drogas: a toxicodependência no discurso jornalístico', *Cadernos do Noroeste*, 5 (1-2): 225-242.
- Eco, U. (1993) *Viagem na Irrealidade Quotidiana*, Lisboa: Difel.
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social e Instituto Gulbenkian de Ciência (2012) "Ciência no Ecrã - A divulgação televisiva da atividade científica", Entidade Reguladora para a Comunicação Social e Instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa. Disponível em: <http://bit.ly/1hZ3g9r>. Acedido em 17/01/2013.
- Foddy, W. (1996) *Como Perguntar*, Oeiras: Celta.
- Holliman, R. (2004) 'Media Coverage of Cloning: A Study of Media Content, Production and Reception', *Public Understanding of Science*, 13: 107-130.
- Kaiser Family Foundation & Pew Research Center's Project for Excellence in Journalism (2008) 'Health News Coverage in the U.S. Media - January 2007 - June 2008', *Kaiser Family Foundation & Pew Research Center's Project for Excellence in Journalism*, Washington [disponível em <http://www.journalism.org/files/HealthNewsReportFinal.pdf>, acedido em 23/05/2003].
- Kline, K. N. (2006) 'A decade of research on health content in the media: the focus on health challenges and sociocultural context and attendant informational and ideological problems', *Journal of Health Communication*, (11): 43-59.
- Kruvand, M. (2012) "'Dr. Soundbite": The Making of an Expert Source in Science and Medical Stories', *Science Communication*, 34 (5): 566-591.
- Larsson, A., Oxman, A. D., Carling, C., & Herrin, J. (2003) 'Medical messages in the media-barriers and solutions to improving medical journalism', *Health Expectations*, 6 (4): 323-331.
- Leask, J., Hooker, C., & King, C. (2010) 'Media coverage of health issues and how to work more effectively with journalists: a qualitative study', *BMC Public Health*, 10 (1): 1-7.
- León, B. (2008) 'Science related information in European television: a study of prime-time news', *Public Understanding of Science*, 17: 443-460.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994) *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, F. (2011). 'Uma programação televisiva que desrespeita as determinações da ERC' in Felisbela Lopes (org.) *A TV dos Jornalistas*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 21-42 [disponível online em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/tv_jornalistas, acedido em 15/05/2013].
- Lopes, F., Tourinho, C., & Vieira, P. (2011) 'Interatividade no telejornalismo - da janela à porta de entrada'. *Congresso Internacional da História dos Media e do Jornalismo*, 6 e 7 de outubro 2011, Universidade Nova de Lisboa [disponível online em http://www.slideshare.net/Carlos_Tourinho/dajanelaaporta-estudosmidiaejornalismo-versaofinal-9816716, acedido em 23/05/2013].
- Lopes, F. & Fernandes, L. (2012) 'À procura de uma vibrante esfera pública da saúde através da análise da imprensa portuguesa', in Sandra Marinho, Teresa Ruão, Felisbela Lopes, Zara Pinto Coelho e Luciana Fernandes (eds.) *Olhares Cruzados sobre Comunicação na Saúde: relatório de um debate*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 17-30 [disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1459, acedido em 01/03/2013].

- Lopes, F., Ruão, T., & Marinho, S. (2010) 'Gripe A na Imprensa Portuguesa: uma doença em notícia através de uma organizada estratégia de comunicação', *Observatorio (OBS*) Journal*, 4 (4): 139-156.
- Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S., & Araújo, R. (2012) 'A saúde em notícia entre 2008 e 2010: retratos do que a imprensa portuguesa mostrou', *Comunicação e Sociedade*, (Número Especial): Mediatização Jornalística do Campo da Saúde: 129-170.
- Marinho, S., Lopes, F., Ruão, T. & Araújo, R. (2012) 'Formação e produção científica em Jornalismo de Saúde – Portugal no contexto europeu', *Comunicação e sociedade*, (Número Especial): Mediatização Jornalística do Campo da Saúde: 199-212.
- McAllister, M. P. (1992) 'AIDS, medicalization, and the news media', in Timothy M. Edgar, Mary Anne Fitzpatrick & Vicky S. Freimuth (eds.) *AIDS, A Communication Perspective*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 195-221.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Ruquoy, D. (1997) 'Situação de entrevista e estratégia do entrevistador', in Luc Albarello, Françoise Digneffe, Jean-Pierre Hiernaux, Christian Maroy, Danielle Ruquoy & Pierre de Saint-Georges (eds.) *Práticas e Métodos de Investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva, 84-117.
- Schwitzer, G. (1992) 'The magical medical media tour', *Journal of the American Medical Association*, 267 (14): 1969-71.
- Schwitzer, G. (2004) 'Ten troublesome trends in TV health news', *British Medical Journal*, 329: 1352.
- Schwitzer, G. (2009) *The State of Health Journalism in The U.S.*, Relatório para a Kaiser Family Foundation: California [disponível em <http://kaiserfamilyfoundation.files.wordpress.com/2013/01/7858.pdf>, acessado em 21/08/2013].
- Schwitzer, G., Mudur, G., Henry, D., Wilson, A., Goozner, M., Simbra, M., Baverstock, K. A. (2005) 'What Are the roles and responsibilities of the media in disseminating health information?', *PLOS Medicine*, 2 (7): e215.
- Scolari, C. (2008) 'Hacia la hipertelevisión. Los primeros síntomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo', *Revista Académica De La Federación Latinoamericana De Facultades De Comunicación Social*, (77): 1-9.
- Silva, P. (2011) *A Saúde nos Media. Representações do Sistema de Saúde e das Políticas Públicas na Imprensa Escrita Portuguesa*, Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Tanner, A. (2004) 'Agenda building, source selection, and health news at local Television stations: A nationwide survey of local television health reporters', *Science Communication*, 25 (4): 350-363.
- Tanner, A. & Friedman, D. B. (2011) 'Authorship and information sourcing for health news on local TV web sites: An exploratory analysis', *Science Communication*, 33 (1): 3-27.
- Tanvatanakul, V., V., Amado, J., & Saowakontha, S. (2007) 'Management of communication channels for health information in the community', *Health Education Journal*, 66 (2): 173-178.
- Traquina, N. (2001) 'O jornalismo português e a problemática VIH/SIDA: um estudo exploratório', in Nelson Traquina, Ana Cabrera, Cristina Ponte & Rogério Santos (2001) (orgs.) *O Jornalismo Português em Análise de Casos*, Lisboa: Editorial Caminho, 153-193.

- Wang, Z. & Gantz, W. (2007) 'Health content in local television news', *Health Communication*, 21, (3): 213-221.
- Wang, Z. & Gantz, W. (2010) 'Health content in local television news: A current appraisal', *Health Communication*, 25: 230-237.
- World Health Organization (1946) *Preamble of the Constitution of the World Health Organization* [disponível em http://whqlibdoc.who.int/hist/official_records/constitution.pdf, acedido em 21/08/2013].